
MÍDIA E PERFORMANCES DE GÊNERO NA IGREJA UNIVERSAL: O DESAFIO GODLLYWOOD

Jacqueline Moraes Teixeira
Universidade de São Paulo – São Paulo
São Paulo – Brasil

Este artigo¹ tem por finalidade mapear e descrever algumas práticas relacionadas à produção de uma performatividade de gênero mimetizada em formas de falar, de se apreender e de experienciar os corpos a partir da circulação de imagens na internet, em páginas da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) voltadas para o público feminino. Meu objetivo ao recuperar essa interação é pensar o papel que a mídia, de modo geral, e as tecnologias de internet, de modo particular, têm na formação de tais performatividades, ora por meio da linguagem de gendramento dos gêneros, ora mediante tecnologias de poder que conformam a sujeição e a subjetivação dos sujeitos (Butler 1999).

Trago como escopo de análise a recente produção de saberes, sujeitos e técnicas voltados para a produção da “Mulher V”, nome dado ao estágio último do programa *Godllywood*. Trata-se de um emblema que remete à figura descrita na Bíblia por Salomão como “mulher virtuosa”, reunindo um conjunto de práticas que mobilizam a noção teológica de “vida em abundância”, a partir de uma disciplina focada na divisão binária de gêneros cujo gerenciamento da prosperidade se dá com base no espraiamento de tecnologias para cuidado de si e para o casamento. Tais formas são incorporadas e partilhadas por meio da produção pedagógica de um calendário de desafios semanais destinados a mulheres participantes do movimento. Os desafios são tarefas guiadas por metas que devem ser cumpridas e divulgadas em redes sociais, tais como o Facebook, o Twitter, o Instagram, o Whatsapp.

A ideia deste texto consiste, portanto, em pensar o modo como a relação com tais redes e a exposição de performances individuais ou coletivas, a partir de fotos que são compartilhadas na linguagem de desafios, acaba por servir como tecnologia de produção de modos de subjetivação. A regulamentação e conformação de um *modus operandi* sobre o mundo desenham-se através de uma linguagem ritual que deve passar obrigatoriamente pela publicização de performances de autoimagem, também conhecidas como “*selfies*”. As *selfies* emergem como uma tecnologia fundamental que dinamiza e torna visível o movimento de subjetivação e de compartilhamento coletivo de cada desafio conquistado, contribuindo para dar forma ao processo de transformação do corpo feminino em corpo virtuoso.

A mídia na IURD e a IURD na rede

Antes de entrar especificamente no problema proposto e na descrição de algumas especificidades do objeto empírico em questão, penso ser necessário discorrer um pouco sobre as relações entre tecnologias de mídia e a Igreja Universal.

As conexões entre Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e mídia são bem conhecidas no âmbito acadêmico. Parte desse interesse construiu-se, sobretudo, pelo modo como tal agência firmou suas relações na arena pública concentrando uma parcela significativa de suas estratégias evangelísticas e de organização na aquisição de canais e veículos importantes de comunicação. Na primeira década deste século, era possível encontrar sob o registro de propriedade da IURD ou de pessoas físicas associadas à igreja 62 emissoras de rádio, além de emissoras de televisão, tais como a Rede Record, que reúne outras 63 emissoras, das quais 21 são diretamente ligadas à Igreja Universal (Fonseca 2003 apud Antônio 2012). Ainda no cenário da mídia televisiva, em 2008 a TV Record expandiu-se como canal de TV a cabo inaugurando a Record News, que, a exemplo dos canais fechados dirigidos pelas emissoras Rede Globo e Bandeirantes, tem nos noticiários o seu carro chefe (Antônio 2012).

Além do predomínio em canais de rádio e emissoras de TV, parte do capital midiático que se atribui à IURD consolidou-se também numa relação conflituosa com outras agências de comunicação, as quais, ainda na segunda metade da década de 1980, deram um destaque negativo para cultos e ritos públicos realizados pela igreja. A Rede Globo, considerada a principal emissora de televisão do país, tem um papel central nesse processo, dedicando parte de seus programas jornalísticos principais e até um de seus seriados ao que se foi configurando como uma guerra contra a Igreja Universal².

A Rede Globo não foi a única agência de comunicação envolvida nesse processo. Outros importantes canais de mídia entraram no debate produzindo programas que descreviam os rituais e até mesmo a doutrina da IURD, explorando principalmente seu método de arrecadação de dinheiro. Em 1990, foi ao ar pela extinta Rede Manchete o Programa *Documento Especial*³, que exibiu uma série intitulada *Seitas*

evangélicas: Igreja Universal. O programa mostrou, em quatro capítulos de cinquenta minutos cada, imagens dos cultos, entrevistas com fiéis, pastores e especialistas vinculados a outras denominações evangélicas que categorizavam a IURD como seita.

Esse mesmo imaginário difundido por tais meios de comunicação (alguns deles descritos acima), que relaciona a IURD às práticas de charlatanismo, aliadas a uma estratégia empresarial de divulgação de sua imagem e arrecadação de dinheiro, passa a ser recorrente também no campo dos estudos sobre religião, de modo que é possível afirmar que as pesquisas produzidas no decorrer da década de 1990 contribuíram igualmente para o estabelecimento desse status da Universal enquanto uma agência produtora de controvérsias (Giumbelli 2002). Um dos fatos mais citados como contribuidor para esse status ocorreu em 1995 e ficou conhecido como “o chute na santa”⁴.

Apesar da centralidade da IURD nas discussões sobre o predomínio de algumas agências religiosas nos meios de comunicação, cabe ressaltar que ela não é a única denominação a utilizar as tecnologias de mídia e que a relação entre denominações religiosas do segmento evangélico e veículos de informação, ao contrário do que se pensa, não é recente. Os primeiros registros datam da década de 1940, quando a Igreja Adventista do Sétimo Dia funda o Sistema Adventista de Comunicação (SISAC), com transmissão de programas de rádio em âmbito nacional. Na década de 1950, a igreja Assembleia de Deus (AD) estreou o programa *Minutos com Jesus*, e, na década seguinte, surgiram programas de rádio das igrejas O Evangelho Quadrangular, O Brasil para Cristo e Deus é Amor. Os programas televisivos começaram vinte anos depois, no início da década de 1960, o primeiro deles apresentado por evangelistas da Igreja Adventista, e o segundo dirigido e idealizado pelo missionário canadense Robert McAlister⁵, fundador da Igreja Nova Vida, que iniciou o primeiro programa pentecostal na TV Tupi do Rio de Janeiro (Budke 2005).

No breve percurso histórico aqui delineado é possível inferir que, no período que marca a fundação da IURD, já havia uma estratégia de apropriação das mídias se consolidando fundamentalmente entre igrejas do segmento pentecostal, estratégia que foi se descolando do modelo originalmente herdado dos Estados Unidos: da prédica de um evangelista à frente de um auditório repleto de pessoas que escutam passivamente o que este diz, passou-se para um formato em que o modelo narrativo se assemelha ao utilizado em programas televisivos considerados “seculares”, nos quais as entonações tão recorrentes aos cultos e aos púlpitos são substituídas por uma retórica e por uma performance de apresentador de TV, e cuja pauta ganhou sentidos do cotidiano ou mesmo de questões ou acontecimentos que mobilizaram a opinião pública⁶. A partir da emergência desse modelo, foi possível mapear os assuntos de maior interesse e novos atores que, para além da esfera eclesial, ganhavam visibilidade como apresentadores e apresentadoras de televisão.

No final da década de 1990, Maria das Dores Campos Machado coordenou uma pesquisa sociológica sobre mídia evangélica no Brasil, tendo como foco de análise a produção midiática pentecostal. Seu objetivo foi realizar um exercício compa-

rativo entre duas denominações religiosas, a IURD e a Assembleia de Deus, e parte de suas perguntas dizia respeito à emergência de uma mídia voltada para o público feminino, bem como de temas discutidos em programas que, de uma forma geral, também estavam relacionados ao público feminino. Em sua análise, temáticas como participação feminina no mercado de trabalho, planejamento familiar, sexualidade e saúde da mulher já apareciam como foco nos programas televisivos, no rádio e nos veículos de mídia impressa, tais como *Folha Universal* e *Revista Plenitude*⁷, todos mantidos pela IURD (Machado 1999:171).

No período analisado por Machado (1999), foi possível concluir que havia uma disparidade entre as denominações analisadas. Apesar de a AD ser a igreja mais populosa do país, a IURD era majoritária em sua programação televisiva e radiofônica. Outro fato que a pesquisa evidenciou foi a participação de mulheres, esposas dos bispos, nos programas televisivos, participação justificada pela identidade de gênero classificando as mulheres como conselheiras e responsáveis pelos momentos de aconselhamento e intercessão. A despeito de haver esse recorte específico e relacionado a um papel religioso concedido ao gênero feminino, foi possível notar alguma visibilidade dessas mulheres mediante a autoridade no trato com outras mulheres. No caso da IURD, essa relação entre espectadoras e apresentadoras deu-se, sobretudo, no trato das temáticas relacionadas ao corpo, aos cuidados estéticos e à saúde: “a mulher da IURD deve se orgulhar de ser mulher, e isso inclui cuidado com a aparência e a vaidade” (Machado 1999:180).

Assim, é possível pensar no argumento que pretendo desenvolver de forma mais detalhada neste texto, acerca da circulação nas redes sociais de questões relacionadas ao corpo feminino e do gendramento de performances de gênero, que têm sua recorrência nas demais formas de mídia mobilizadas por esses sujeitos e no modo como a IURD se apresenta na esfera pública.

O gênero do desafio

Em *Plano de poder: Deus, os cristãos e a política* (2008)⁸, os autores Edir Macedo e Carlos Oliveira apresentam como objetivo do livro esquadriñar algumas noções da teoria clássica de política. A justificativa seria preparar a igreja em nome de um importante projeto divino: formar uma nação. No texto, Deus possui intenções de um bem-sucedido estadista que, no livro de Gênesis, cria um ambiente para o ser humano viver. O detalhe é que, depois de criado o ser humano, Deus imediatamente institui “o conceito de planejamento familiar, algo fundamental para o criacionismo, que consiste em dar o máximo possível de qualidade de vida em família, que é a base da vida social” (Macedo & Oliveira 2008:9).

Deus tem um grande projeto de nação elaborado por ele mesmo e que é nossa responsabilidade apresentá-lo e colocá-lo em prática. Na Bí-

bria, em Gênesis, Deus dá uma aula de planejamento, organização e execução de sua ideia. Ele esclarece sua intenção estadista e a formação de uma grande nação. A proposta de uma sociedade politicamente organizada tem por objetivo essencial trazer bem-estar aos seus cidadãos. O ambiente, a cidade e o Estado são pensados visando sempre ao bem-estar das pessoas (Macedo & Oliveira 2008:15).

O texto segue com uma citação de *A Política*, de Aristóteles, que diz “o fim da política não é viver, mas viver bem” (apud Macedo & Oliveira 2008:22). É nesses termos que a concepção aristotélica de boa vida passa a ser apresentada como um princípio filosófico divino para a vida próspera, ou seja, a vida em abundância. O livro apresenta ainda algumas noções que suscitam práticas as quais, segundo o autor, resultariam na formação de uma nação abençoada e próspera.

Com o intuito de produzir uma espécie de laboratório para esse ideal de nação, em 2010 foi lançado na IURD Internacional (uma espécie de associação que reúne igrejas fora do Brasil) o projeto *Godllywood*, idealizado e fundado por Cristiane Cardoso, que é a filha mais velha do bispo Edir Macedo.

A fundação da Igreja Universal ocorreu em 1977, ano do nascimento de Viviane, irmã caçula de Cristiane, quando esta última tinha apenas três anos de idade, de modo que grande parte de sua trajetória de vida confunde com a trajetória da IURD. Em 1984, quando tinha dez anos, mudou-se com seus pais para Nova Iorque, a fim de trabalharem como missionários na fundação do primeiro templo da Igreja Universal fora do território nacional. De volta ao Brasil, aos dezoito anos, Cristiane casou-se com Renato Cardoso, um jovem pastor, e no mesmo ano foram enviados para o sul dos Estados Unidos, onde fundaram um novo trabalho da IURD, permanecendo por lá até o final de 2010. Mesmo estando nos Estados Unidos, sempre existiu certo protagonismo da parte de Cristiane e de seu marido, o bispo Renato Cardoso. Ainda no final da década de 1990 é possível encontrar alguns textos dele direcionados para o público jovem da igreja, todos reunidos no livro *O jovem segundo o coração de Deus*, lançado em 1998. No caso de Cristiane, nesse período suas aparições públicas ocorriam por meio de um programa de televisão exibido apenas em canais de veiculação internacional e de pequenos textos timidamente publicados no jornal *Folha Universal*. No ano de 2004, Cristiane começou a escrever semanalmente no jornal e passou a assinar a coluna *Mulher*, que, a partir de 2009, se transformou no caderno *Folha Mulher*. Em 2007, ela criou um blogue, o qual recebeu o título do seu primeiro livro, lançado nesse mesmo ano: *Melhor que comprar sapatos*. Além disso, tornou-se apresentadora principal e editora-chefe do programa *Coisas de Mulher*, que foi exibido pela Record News entre os anos de 2007 e 2011. Em 2010, ano de formação do projeto *Godllywood*, Cristiane, ainda nos Estados Unidos, encontrava-se no centro das produções voltadas para o público feminino na IURD, nos âmbitos nacional e internacional.

Segundo suas próprias palavras, o projeto *Godllywood* foi pensado em oposição a um modelo internacional vigente, o modelo de vida e de glamour de *Hollywood*. A finalidade do projeto é negar o modelo de vida hollywoodiano, marcado pela prática da promiscuidade feminina. O objetivo central de *Godllywood* seria promover princípios para uma nova ideia de vida, cujo modelo de atitude pode ser considerado legítimo por se tratar de um modelo forjado por Deus. No projeto, as atividades são voltadas para as mulheres, e o gerenciamento do corpo da mulher desdobra-se no gerenciamento de outros corpos, na medida em que a mulher é interpretada como centro da vida familiar.

Ao justificar, nas páginas do seu primeiro blogue, o caminho percorrido para a criação do projeto, Cristiane afirma o seguinte:

Esses grupos foram criados por mulheres para mulheres, como todos sabemos, quem pode compreender melhor a mulher do que nós mesmas? Nós sabemos exatamente por que fazemos o que fazemos. Nós estivemos lá, fizemos o que foi feito e sentimos o que se sentiu também. Através de nossas muitas experiências do passado, aprendemos muito mais do que as escolas, ou mesmo as reuniões na igreja puderam nos ensinar. Alguns podem estar mal informados sobre esses grupos: de que eles são apenas clubes sociais, de mulheres que só pensam em se arrumar e que se acham melhores que outros. Outros pensam que a adesão seria uma carga extra em seus horários ocupados, que não valeria a pena tirar seu tempo ou energia para isso. Mas estão errados.⁹

A estrutura disciplinar do *Godllywood* baseia-se em três programas etários. São eles: *Pré-Sisterhood* (para meninas de 4 a 13 anos), *Sisterhood* (para jovens de 15 a 30 anos) e *Mulher V* (que compreende a fase adulta, atendendo mulheres casadas ou com mais de 30 anos de idade). O objetivo geral do projeto consiste em “resgatar a essência feminina colocada por Deus em cada mulher”¹⁰.

Pouco tempo antes de *Godllywood* constituir-se como programa disciplinador, ainda em 2009, Cristiane começou a fazer reuniões com adolescentes na igreja em que trabalhava com seu marido, na cidade do Texas, Estados Unidos. O grupo era composto por meninas entre 14 e 17 anos que escreviam suas experiências num blogue na internet e postavam fotos de tarefas cumpridas no Facebook. Segundo relato publicado por Cristiane Cardoso em seu blogue, a página conquistou muitos seguidores de língua portuguesa e hispânica, que passaram a solicitar o programa para suas comunidades. Para ela, as inúmeras solicitações que recebeu serviram como confirmação de que o desejo de Deus era que o projeto se ampliasse. No ano de 2010, ela e Renato Cardoso mudam-se para o Brasil tendo como missão expandir o projeto de meninas adolescentes. É nesse ínterim que surge a marca e o programa *Godllywood*:

[...] quando eu estava em trabalho missionário no Texas, buscando inspiração para ajudar o maior número possível de jovens. Eu percebi que as adolescentes engravidavam muito cedo. Por isso, comecei a fazer reunião com elas, época em que surgiu o Sisterhood. Em princípio, o grupo era para atender somente a necessidade local dos Estados Unidos, mas em um mês tivemos tantos testemunhos, que chamou a atenção do meu pai. Ele decidiu expandir esse trabalho para os outros países, indicando esposas que teriam o perfil para participar deste projeto, que tem como meta fazer das jovens mulheres de Deus, e também ganhar almas por meio delas.¹¹

As atividades das três fases são de responsabilidade das *Bigsisters*, papel exercido por mulheres casadas com bispos da IURD que recebem o título de *donas*. Elas fazem um pequeno curso preparatório para implantar o grupo, bem como para selecionar anualmente novas candidatas. No blogue de Cristiane, há um mapa do mundo com logotipo do projeto; em 2012, com apenas dois anos de existência, *Godllywood* já se havia estendido para setenta países.

Há algumas normas para a participação no projeto. As prescrições seguem as especificidades etárias das participantes. O recrutamento de meninas para participar do *Pré-Sisterhood*, por exemplo, tem como único quesito que os pais sejam membros da IURD. Meninas com pai e mãe obreiros, ou com pai pastor ou bispo, têm preferência no momento do recrutamento. No caso do Brasil, o projeto começou organizado apenas em capitais ou cidades consideradas de grande escala. No entanto, com a difusão dos desafios e a interação nas redes sociais, pode-se encontrar registros de organização de grupos até mesmo em cidades pequenas ou distantes dos grandes centros urbanos.

A disposição de atividades dos grupos etários que compõem o *Godllywood* se dá por meio da circulação da ideia de desafio¹². Os desafios são temáticos e encontram-se sistematizados num calendário semanal com atividades diárias. Ao final de cada desafio, as participantes são estimuladas a narrar o êxito conquistado com a realização da tarefa, narrativa esta que se dá, sobretudo, por meio da página do projeto no Facebook¹³. As tarefas reúnem prescrições sobre como criar uma agenda semanal de atividades diárias, envolvendo as seguintes privações: não ingerir açúcar, usar saia para ir ao trabalho ou para a escola, ler algumas páginas de um livro por dia, dedicar-se a ajudar alguém, dedicar-se a uma pessoa idosa, não consumir carne vermelha, não consumir fritura, não comprar roupas ou sapatos durante um período, poupar o dinheiro para empregá-lo em outra finalidade.

A ideia dos desafios, que se estendem pela variação etária das mulheres participantes, é a de naturalizar no corpo o conceito da mulher virtuosa¹⁴. É nesse sentido que podemos compreender as características almeçadas descritas no livro de Cristiane Cardoso.

O retrato da mulher virtuosa engloba características como:

- Ter uma aparência agradável, cuidar de si mesma para agradar ao marido. A mulher jamais deve andar largada, quando ela se arruma, ela transparece o amor que tem por si e pela família.
- Ter um caráter piedoso. Ter prazer de ajudar no que seja, sem esperar receber algo em volta.
- Ser eficiente na administração do lar, que inclui tarefas domésticas e a administração do dinheiro da família.
- Dar assistência espiritual ao marido. Ter sempre uma palavra de animo e fé.
- Ter disposição e interesse para ajudar as pessoas na igreja.
- Ter determinação e coragem para lutar contra as adversidades.
- Ter equilíbrio, cuidar das coisas da igreja e das coisas do lar [...] Ela cuida da saúde do marido, prepara refeições saudáveis usando a criatividade, pois está sempre querendo fazer algo novo para surpreendê-lo (Cardoso 2011:120).

Os desafios são vistos, portanto, como medidas para a formação disciplinar. A disciplina está entre os atributos fundamentais da *mulher V*:

[...] a mulher V é disciplinada. O que é a disciplina senão uma maneira de lidar com a vida de maneira mais organizada?

[...] ao mesmo tempo em que controla as finanças do casal, a mulher V também fica de olho em novas oportunidades de aumentar seus ganhos. Ela poderia usar seu lucro para comprar roupas para si ou para a sua família, mas ela decide investir o seu dinheiro para aumentar os ganhos da sua família (Cardoso 2011:114).

As prescrições relativas à formação de uma economia dos rendimentos financeiros mensais produziram, no âmbito do *Godllywood*, cursos e dois volumes de um livro intitulado *Bolsa Blindada*. Trata-se de um programa para oficinas com duração média de doze horas, no qual se aprende conceitos básicos de macroeconomia, funcionamento da bolsa de valores, formas de investimentos, etc.

Nesse aprendizado, o corpo é o principal instrumento a ser educado; logo, é essencial compor um conjunto de aulas com técnicas para modificar a postura, controlar o peso, as roupas e o cuidado de si. A docilidade do corpo é o caminho para se apreender a *ser mulher* e, assim, garantir que a família prospere. Os sentidos para a produção substancial deste modelo de gênero envolvem, por um lado, a dependência e dedicação a uma relação de conjugalidade heterossexual e, por outro, a autonomia para o desenvolvimento profissional.

Ao falar sobre os modos de produção dessa diferenciação que acaba por se naturalizar na forma de *habitus*, Bourdieu (2009:127) afirma que os sentidos atribuídos

ao corpo se revestem dos sentidos forjados na relação de oposição e diferenciação estabelecida na divisão sexual do trabalho. No caso da IURD, essa divisão dá-se por meio da disposição hierárquica entre os espaços sagrados (átrio e altar), que se acabam tornando espaços de diferenciação entre os sexos. Para os atores em questão, o átrio corresponde ao espaço do serviço sacerdotal, do auxílio e da convivência entre os membros de determinado ajuntamento religioso; o altar, por sua vez, corresponde ao espaço santificado, espaço da atuação divina, sendo por meio dele que a divindade se revela. Nesse sentido, o átrio, o espaço do serviço e do cuidado, seria o espaço reservado ao trabalho feminino, enquanto que o altar, espaço da retórica e da revelação divina, estaria reservado ao trabalho masculino. Porém, a emergência de uma liderança pastoral de mulheres autorizada a falar sobre o feminino e sobre relacionamentos conjugais acaba por relativizar a dinâmica de divisão sexual desses espaços, permitindo que mulheres também acionem a dimensão da retórica e da revelação divina, ainda que isso ocorra por intermédio do casamento¹⁵.

Bourdieu (2009:112) introduz a noção de crença que, longe de ser um “estado de alma”, exprimindo um acordo consciente a um conjunto de dogmas, diz respeito a um “estado de corpo”¹⁶, conformando um senso prático que consiste na “necessidade social tornada natureza, convertida em esquemas motores e em automatismos corporais” (2009:113). A diferenciação entre masculino e feminino ocorre por meio da construção de um sistema de oposições, que naturaliza no corpo determinadas posturas corporais, produzindo um senso das capacidades exclusivas do homem e das capacidades exclusivas da mulher. Enquanto o homem “é viril, vai direto ao objetivo”, a mulher bem educada “é aquela que não comete qualquer inconveniência, nem com sua cabeça, nem com suas mãos, nem com seus pés” (Bourdieu 2009:115). As categorias modeladoras do corpo da mulher são “discrição”, “leveza”, “emoção”. Sua dimensão de ação estaria no privado, enquanto o homem, dotado de atributos como “retórica”, “coragem”, “razão”, teria sua dimensão de ação voltada para o público, para a interação social (ibidem:116).

Nessa dinâmica de vivenciar os atributos substanciais dos gêneros, a criação do projeto *Godllywood* acabou por suscitar a constituição de outros dois projetos, *Intellimen* e *The Love School*. Criado em 2013 com o intuito de reunir homens de faixa etária variada, o *Intellimen* (que aglutina as palavras inglesas *intelligence* – inteligência – e *men* – homem) foi idealizado pelo bispo Renato Cardoso e tem uma linguagem muito similar à do *Godllywood*, estruturando suas ações na produção de desafios semanais. O *The Love School*, por sua vez, é um projeto voltado para a formação emocional e sexual de casais heterossexuais; além de cursos e de livros, tem como eixo fundamental de ação um programa de televisão que é diariamente exibido na TV IURD e apresentado aos sábados na Rede Record. Essa tríade de projetos dirigidos pelo casal Cardoso acaba por posicioná-los como instrumentalizadores de um poder pastoral voltado para a formação de um saber sexual que é pautado na diferenciação substancial dos gêneros¹⁷.

Um trecho do livro de Cristiane Cardoso (2011:109) parece ilustrar bem essa questão: “Os homens são diferentes de nós, eles foram feitos para se concentrar e conquistar. Nós lutamos para fazer as mesmas coisas que eles fazem e ainda ser mãe, esposa e rainha do lar. Mas nós não somos eles, e não podemos querer fazer os dois papéis sem que nos prejudiquemos”.

Em *Fé racional* (2010), Macedo critica o ministério feminino, dando como justificativa de sua posição a diferença natural que domina a divisão sexual das funções de trabalho:

São por causa desses carnais que também nascem aquelas “profetisas”: normalmente, mulheres que não são nada em casa, mal-amadas, mas que têm encontrado na igreja ocasião para atrair a atenção. Muitos pastores deixam de ouvir a voz do Espírito Santo para se inclinarem à voz dessas mulheres, que muitas vezes vivem em pecado e são, portanto, profetas do inferno (Macedo 2010:97).

Esse mesmo processo de diferenciação sexual orienta as práticas no contexto do *Godllywood*. Contudo, a diferença ganha novos contornos com a fundação do projeto específico para homens, o *Intellimen*. A divisão sexual operada por meio da diferenciação dos espaços na sociedade, ou mesmo na divisão do espaço ritual da igreja (átrio e altar), desdobra-se numa diferenciação de disciplinas para o mundo da vida, configurando o que Bourdieu denomina de *razão pedagógica*, ou o domínio prático das regras de polidez. Segundo o autor, “O artifício da razão pedagógica reside precisamente no fato de extorquir o essencial sob aparência de exigir o insignificante, como o respeito às formas e as formas de respeito que constituem a manifestação mais visível e ao mesmo tempo mais ‘natural’ da submissão à ordem estabelecida” (Bourdieu 2009:114). Assim, o conjunto de atividades que conforma o *Godllywood* torna-se um espaço por excelência da objetivação dos esquemas geradores de indexação por meio das práticas, de disposições e da diferenciação dos corpos produzindo novas formas de organização do mundo da vida.

A dinâmica dos grupos etários

Algumas reuniões presenciais dos grupos dentro do projeto *Godllywood* são de acesso seletivo. As participantes precisam ser membros da IURD há algum tempo, preferencialmente da segunda geração de membros da igreja. Ou seja, é recomendado que os pais sejam membros de uma comunidade. Em muitas igrejas, os convites são feitos nominalmente, e a pessoa precisa passar por alguns testes de conhecimento bíblico para conseguir sua vaga no grupo. No caso da *Sisterhood* e da *Mulher V*, exige-se, além da conversão, que a mulher tenha sido batizada, nas águas e no Espírito Santo.

Segundo as informações disponíveis no site, no Brasil as inscrições iniciam-se sempre no mês de janeiro. Na cidade de São Paulo, a primeira seleção ocorreu no Cenáculo (Antigo Templo Maior), na Avenida João Dias, em Santo Amaro, em janeiro de 2010. De início, não havia uma divulgação ampla para os processos de seleção e ingresso nos grupos. Os anúncios eram feitos dos púlpitos e por meio de panfletos de circulação interna. A partir de 2012, já era possível encontrar anúncios em blogs de frequentadoras da IURD e em páginas no Facebook. Abaixo, descrevo na íntegra um anúncio para a seleção de *sisterhood* na cidade de São Paulo:

Admite-se *sisterhood*:

O objetivo é formar moças que se guardam para o casamento, que sabem como cuidar de uma casa e, ainda assim, seguir uma carreira, que não seguirão as tendências ruins e sexy da moda, mas as tendências de Deus. A *Sisterhood* é dividida em várias classes, e para entrar tem que cumprir algumas tarefas que demonstrem o quanto você quer participar da *Sisterhood*, e assim ser aprovada ou não.

03/02/2010 - 1º dia de participação na *Sisterhood*. Preenchimento das fichas e orientações para a entrevista pré-pledge com a missionária Luciene na Av. João Dias, 1800 - Santo Amaro - São Paulo / SP.¹⁸

As atividades têm início no mês de março. Além de cursos e programações específicas, as frequentadoras, chamadas no grupo de iniciantes, precisam executar tarefas como participação em obras sociais, visita a asilos, presídios e hospitais. As participantes também têm de cuidar dos afazeres no próprio lar, como preparo de refeições para a família e organização de ambientes, além da leitura de livros cristãos e mensagens do blogue da equipe. Outro item muitíssimo valorizado nas tarefas é o cuidado com a aparência, o que envolve o aprendizado para cortes de cabelos e maquiagens. Acrescenta-se a essas exigências aulas de conhecimentos gerais, línguas e orientação vocacional.

Como já referido, os desafios conformam um calendário semanal e são pensados tendo como recorte a faixa etária das participantes. Por exemplo, no quadro mensal dos desafios semanais das *Pré-Sisterhood* (ainda crianças) estão as seguintes atividades:

Semana 1 - Encha seus pais de carinho, com muitos beijinhos. PROVA: Tire bastante fotos com eles, mostrando seu carinho através das poses e mostre para sua Big Sister no próximo domingo.

Semana 2 - Prepare o café da manhã para toda a família todos os dias essa semana. PROVA: Tire fotos da mesa que você preparou e mostre para sua Big Sister no próximo domingo.

Semana 3 - Essa semana, você vai lavar e secar as louças para a mamãe

todos os dias. PROVA: Peça a alguém para tirar fotos de você lavando as louças e mostre para sua Big Sister no próximo domingo.

Semana 4 - Acorde mais cedo todos os dias essa semana e medite na Bíblia. PROVA: Prepare num diário para a Palavra de Deus um resumo de cada dia que você leu e mostre para sua Big Sister no próximo domingo.¹⁹

As tarefas dispostas na linguagem do desafio devem ser controladas pela *Big Sister*, que todos os domingos acompanha a evolução das tarefas por meio das “provas” apresentadas pelas participantes. Para além dos desafios semanais, as *Pré-Sisterhood* estudam as lições referentes ao grupo nas reuniões dominicais. As lições são fundamentadas num material didático desenvolvido especialmente para o grupo. O material traz histórias vividas por Cristiane Cardoso e outras *donas* que são retratadas como personagens de um gibi e interagem também por meio de jogos no computador.



Figura 1 – Cristiane (ao centro) e as outras personagens do material didático das *Pré-Sisterhood*.

Certamente, dos três grupos que compõem o projeto *Godllywood*, os que recebem maior atenção – e que, por conseguinte, possuem um quadro maior de regras – são *Sisterhood* e *Mulher V*. Juntos, ambos reúnem a faixa etária correspondente à maior parte das frequentadoras da IURD. Se no primeiro deles as jovens são preparadas para o casamento e para as chamadas responsabilidades da vida adulta, no segundo há grande investimento no cuidado com o corpo, bem como nas atribuições consideradas femininas. A temática da mulher na sociedade é sempre muito recorrente, e há dois projetos relacionados: o projeto *Raabe*, que assiste mulheres vítimas de violência doméstica, e o projeto *Caleb*, voltado para a assistência a mulheres com mais de sessenta anos²⁰.

No caso das *Sisterhood*, as regras de participação são descritas no “Código *Sisterhood*”, que tem como regra principal: “ser atraente no falar e no comportamento; ser discreta na aparência; ser um exemplo positivo dentro de casa; ser corajosa e humilde para aceitar correção e estar disposta a mudar; e construir uma fé sólida em Deus”²¹.

Dentro do grupo, as candidatas passam por alguns estágios e, ao final de cada ano, são premiadas com alguma forma de certificação. Para as premiações, são realizadas grandes festas em que os participantes (*sisterhood* e seus convidados) devem trajar roupas de gala. Elas são presenteadas com algumas insígnias que figuram o universo feminino, como colares, pulseiras e broches, objetos que servem como marcadores da fase vencida. Nesse rito, elas são apresentadas aos objetos que receberão caso sejam aprovadas no programa no ano seguinte.

Se um possível fracasso é encarado como fraqueza espiritual, a conclusão do primeiro ano de desafios é uma vitória comemorada nos âmbitos material e espiritual, ou ainda, como um sinal de bênção, como relatou Rebeca, de 15 anos, participante do grupo na cidade de São Paulo: “Quando olho para trás e lembro-me de como eu era, fico chocada. Eu tinha fé e boa intenção no meu coração, mas me faltava a instrução e a disciplina. Hoje me sinto diferente e abençoada”²².

As categorias “desafio” e “sacrifício” são imprescindíveis nesse processo. Utilizadas como moderadoras e motivadoras das práticas, tais categorias são acionadas para se explicar a implementação de novas atividades, estabelecendo conexão com as características de personagens descritas em alguns trechos do antigo testamento.

Todo esse programa disciplinar faz parte de um projeto descrito pelos seus idealizadores como “projeto maior”, ou a formação de uma nação próspera, que, nessa chave interpretativa, também se traduz como “nação abençoada”, “orientada para Deus”.

O gênero do sacrifício e a performance da prosperidade

Antes de me ater à descrição mais detalhada sobre os desafios semanais do projeto *Godllywood*, bem como a rede de publicização do sacrifício e do êxito que se forma nas redes sociais, é necessário esquadrihar algumas concepções de sacrifício e desafio presentes nos discursos dos atores frequentadores da Igreja Universal. Para tanto, escolhi trazer ao texto parte da narrativa e da trajetória de uma mulher que é membro da IURD e figura importante na construção da campanha “eu sou a Universal”²³.

Deusa já foi obreira da igreja no Brás, em São Paulo, e frequenta a IURD há quase duas décadas. Sua biografia parece ser muito conhecida, não apenas nas reuniões de mulheres, mas também por meio dos testemunhos proferidos nos cultos e em programas televisivos. Ela chegou a conceder uma entrevista ao bispo Edir Macedo, que foi exibida pela TV IURD em junho de 2011²⁴. Nordestina, nascida no interior

do Piauí, migrou para São Paulo para trabalhar como doméstica na casa de uma família e, após problemas de convivência, acabou despejada. Ainda muito jovem passou a viver nas ruas no bairro da Liberdade. Hoje, Deusa é proprietária de uma rede de salões para cuidados estéticos no Morumbi, bairro considerado nobre na cidade de São Paulo. Agora passo a apresentar alguns trechos da narrativa de Deusa. É possível perceber, no modo como estrutura sua fala, ao remontar sua memória dos momentos vividos, a forte presença das categorias “desafio” e “sacrifício”, bem como de uma noção substantiva de gênero apoiada na sua intuição de trabalhar com o cuidado do outro.

Deusa: Eu já estava na rua há muito tempo e cheirava mal. O senhor sabe como é morador de rua, ele não toma banho, não come, só come resto de comida...

Bispo Edir Macedo: Quanto tempo a senhora ficou morando na rua?

Deusa: Quase dois anos... Mas assim, dois anos de angústia, de olhar para a rua, de olhar para o viaduto, e me sentir presa, angustiada e sentir...

Bispo Edir Macedo: Então a senhora sentiu-se revoltada?

Deusa: Sim, eu senti revolta... Um dia, o senhor sabe que mendigo anda muito, ele sobe e desce de cobertor nas costas... Um dia, fui pra aqueles lados do Brás, e o que me chamou atenção foi, na parede da igreja, o coração com a pombinha branca no meio. Tomei coragem, toda suja, toda fedida, eu falei com a moça que estava na porta da igreja, ela me levou pra dentro da igreja, me levou até o altar e falou bem baixinho: “esse aqui é o nosso pastor”. Eu olhei pra ele e falei: moço, o senhor pode me dar uma ajuda? Aí... olha só que homem especial, bispo! Ele veio com um papel que era um envelope, né? E me deu aquele papel.

Bispo Edir Macedo: [muitos risos] Então, ao invés de te dar ajuda ele te deu um envelope? [risos]

Deusa: Eu olhei pra ele e falei: ué, eu vim pedir ajuda e o senhor me dá um envelope? O que eu vou fazer com ele? Olha só a resposta dele, ele não falou muito, ele falou assim: “A senhora vai trabalhar”. Olha que palavra especial: “VAI TRABALHAR E FAZER UM SACRIFÍCIO”. [ênfase da narradora] Eu fui até a Praça da Liberdade e no dia seguinte fui num barzinho e arranjei um trabalho. O dono do bar me deu balde, vassoura, eu limpei tudo e no final do dia, ele me pagou. Eu comecei a trabalhar lá. A palavra do bispo: “VAI TRABALHAR E FAZER UM SACRIFÍCIO”. Foi a palavra SACRIFÍCIO que me levantou! Eu passei a juntar todo o dinheiro que eu ganhava dentro do envelope. Às vezes, bispo, eu tinha vontade de comprar um lanche, mas aquela palavra “SACRIFÍCIO” me segurou... Um dia fui na igreja, não tinha culto, eu

falei: olha, pastor, eu trouxe aqui meu sacrifício e vou deixar na mão do senhor, vou confiar no senhor. Ele disse: “esse sacrifício você não vai entregar pra mim, vai entregar no culto, nas mãos de Deus, você vai ver como sua vida vai mudar... E foi isso mesmo, bispo, dali pra frente minha vida começou a mudar... Eu saí das ruas, fui morar num quartinho no bar, tive a oportunidade de me matricular numa escola para cabeleireiros. Olha que especial, saí da lama, da rua e fui cuidar da beleza do homem e da mulher. Com o tempo, comprei um terreno no Morumbi e construí aquele prédio que vocês conhecem... Tudo porque o pastor usou comigo a palavra certa: “TRABALHO E SACRIFÍCIO”.

Na narrativa de Deus, pode-se compreender que o ritual do sacrifício remete a uma eticização do próprio sacrifício mediante a sua relação com o trabalho e o cotidiano. Tal relação acaba por inculcar ao trabalho uma noção de vocação.

O acesso ao direito de prosperidade está diretamente relacionado ao sacrifício, o qual se torna o centro das práticas, motivado pela realização de desafios, instituindo um circuito de atividades e objetos em prol do benefício a ser alcançado. Esse mesmo circuito movido pela lógica do desafio termina com uma performance narrativa da gratidão; nela a trajetória de vida é mobilizada, tendo como cimo o compromisso de sacrifício frente ao desafio e à mudança de vida a ser conquistada (Scheliga 2010).

O sentido do desafio consiste na aproximação com o sagrado. Ofertar um bem de valor social reconhecido corresponde, metaforicamente, à sujeição do corpo do ofertante. Tal procedimento garante, gradualmente, a relação com o sagrado. Assim, dinheiro, casa, carro ou qualquer outro objeto adentra no mundo sagrado pela mediação do sacrifício, que é performatizado no rito, constituindo um processo que confere ao sacrificante – e, conseqüentemente, aos bens relacionados à sua vida – uma natureza sagrada (Gomes 2004).

Para além da noção da sacralização do trabalho frente ao sacrifício, na IURD, diferentemente da lógica das religiões ascéticas descritas por Weber, a frugalidade não aparece mais como princípio cristão. Em vez disso, ela abre espaço para que o dinheiro seja usufruído na terra, justificado como promessa de vida em abundância (Lima 2007). Vale ressaltar, porém, que a relação de troca que o sacrifício estabelece não é interpretada como transação econômica, ou seja, o bem doado não apresenta seu valor de troca enquanto dinheiro, mas sim enquanto corpo do doador.

O sacrifício instaura um acordo entre duas partes, a saber, o sacrificante e Deus. A igreja torna-se mediadora e mantenedora dessa relação, pois é no espaço religioso que as regras do acordo são produzidas e reafirmadas (Lima 2007). Porém, as noções de sacrifício, desafio e entrega atravessam as demais dimensões da vida que o ofertante passa a ter com o divino. Trata-se de uma relação de troca de atributos pessoais: “As bases de nossa sociedade com Deus são as seguintes: o que nos pertence (nossa vida, nossa força, nosso dinheiro) passa a pertencer a Deus; o que é dEle (as

bênçãos, a paz, a felicidade, a alegria e tudo de bom) passa a nos pertencer. Passamos a ser participantes de tudo o que é de Deus” (Macedo 2011:68).

Voltando ao testemunho de Deusa, é interessante notar que sua narrativa amarra alguns pontos importantes ao projeto pedagógico desenhado na linguagem do desafio *Godllywood*. O primeiro deles diz respeito à correlação estabelecida entre prosperidade e cuidado de si. No início de sua fala, sua situação como mendiga se afirma na descrição de seu corpo: o odor, a sujeira, as roupas rasgadas emergem como marcadores de sua condição de pecadora e de seu distanciamento de Deus. Depois de ofertar seu primeiro sacrifício, ainda como empregada de um bar, sua primeira iniciativa foi matricular-se em cursos de formação de cabeleireiros e esteticista²⁵. Assim, a transformação de sua vida ocorreu de tal modo que os cuidados estéticos com o corpo tornaram-se foco do seu trabalho e, conseqüentemente, ato de seu sacrifício.

Outro ponto importante diz respeito à sua condição e seu regime de trabalho, que passa de desempregada para empregada e de empregada para empreendedora. O trabalho é a ação condicionante de quem se apresenta em sacrifício, embora seja preciso considerar que existe um quadro de posições valorativas de trabalho. Quem sacrifica deve sacrificar-se visando melhorar sua posição nesse quadro. Sem analisar muito o lugar da carreira eclesiástica nessa conjuntura, certamente, empresários e empreendedores ocupam o topo dessas disposições. Há uma produção intensa de dispositivos que conformam uma economia voltada para o estímulo e o êxito do empreendedor autônomo incentivado por valores morais como “vitória”, “mudança de vida”, “prosperidade” (Lima 2008:23). Nesse sentido, a conquista de Deusa não está no fato de ter deixado de ser moradora de rua nem em ter conseguido empregar-se como funcionária de um bar: esses não passariam de elementos mobilizados na narrativa como meios para se atingir a conquista. O desafio da entrega em sacrifício do bem poupado assemelha-se ao desafio de começar o próprio empreendimento. A conquista consiste, portanto, na celebração do êxito do próprio negócio. A narrativa de Deusa torna-se, assim, uma performance importante, a forma por excelência da perseverança no desafio e do êxito no sacrifício.

As narrativas sobre enriquecimento individual remetem a uma disposição objetiva para agir que se manifesta na realização de “sacrifícios” e “desafios”. A narrativa da conquista (ou o testemunho) não opera apenas como ponto de finalização de um determinado *circuito*²⁶ de práticas: ela opera também como organizadora do tempo que corresponde à espera da realização do desejo, ou do intervalo da dádiva, que tem uma natureza incerta (Scheliga 2010:247). Bourdieu discorre sobre a importância de se avaliar também o intervalo entre o que é oferecido, a dádiva, e a retribuição. Esse intervalo de tempo que segue incerto faz emergir no agente da dádiva um sentimento de risco em relação à resposta de seu ato. Tal sentimento preserva a crença na gratuidade da reciprocidade, o que, com o passar do tempo, se produz como um *habitus* capaz de transformar o interesse (motivador da troca) num ato reconhecidamente desinteressado (Bourdieu 1996).

O entendimento do corpo como mediador ritual desse circuito de práticas que reúne desafio, sacrifício e conquista rumo à prosperidade se dá mediante o espalhamento da dimensão do rito, que passa da efervescência coletiva das reuniões da igreja para as práticas e para o cuidado de si no cotidiano. Na linguagem do desafio *Godllywood*, essa dimensão ganha forma e passa a ser performatizada por meio de fotos e imagens que são compartilhadas nas redes sociais.

O desafio na rede e a universalização do sacrifício

Num momento anterior, descrevi com detalhes a dinâmica dos grupos que compõem o programa *Godllywood*, quem é o público que participa e até mesmo quais são os quesitos e processos para garantir a aprovação de novas candidatas. O que passo a descrever a seguir é o movimento de publicização dessa dinâmica nas redes sociais e o modo como o uso da internet e o movimento das comunidades virtuais permitiu que o programa se espalhasse, constituindo uma rede de mulheres divididas por suas línguas e nacionalidades, dando visibilidade e acesso ao que era praticado apenas pelas mulheres escolhidas em reuniões fechadas nos templos da IURD²⁷.

As *Sisterhood* e *Mulher V* compartilham a mesma lista de desafios sob o título de “desafio *Godllywood*”. Ao propor a execução, durante o prazo de uma semana, de algumas atividades cotidianas, o desafio amplia a temporalidade do ritual, transferindo a ação que permanecera reservada ao espaço sagrado do culto para o corpo que, por meio da realização de pequenos sacrifícios cotidianos, passa a incorporar o sagrado como estilo de vida. Nesse sentido, o corpo passa a ser visto como espaço de performance do sagrado, o que permite que se amplie a rede de interlocutores do sagrado.

No início de 2011, quase não se podia observar vestígios da formação dos grupos que compõem *Godllywood* fora do Brasil e dos Estados Unidos. Porém, desde que a divulgação dos desafios começou nas redes sociais, ao final de 2011, o programa passou a existir em outras regiões do mundo, tais como Europa, Ásia e África. Mesmo estando presente, atualmente, em sessenta países, os grupos e as atividades disciplinares do *Godllywood* têm crescido essencialmente em países do continente africano, como África do Sul, Moçambique, Angola e Namíbia, constituindo uma rede de trocas e de gendramento de técnicas acerca do cuidado de si e dos sentidos para o feminino que ultrapassam as fronteiras dos países (a página do *Godllywood* já apresenta seu conteúdo traduzido para sete línguas).

Num dos portais da IURD é possível acompanhar vários relatos acerca do programa *Sisterhood* na África. Os trabalhos das *Big Sisters* (função desempenhada por brasileiras, esposas de pastores) são narrados de modo a explicitar a dinâmica do “desafio” e do “sacrifício”. Há sempre um tom de desafio quando se pensa no modelo global de atividades e em como esse modelo pode ser pensado dentro das condições (sempre narradas como precárias) dos povos africanos. Em reportagem, cujo título

era “*Sisterhood* estimula a criatividade”, a *Big Sister* da Namíbia narrou seu constrangimento ao descobrir que a aula de organização de guarda-roupas não poderia ser ministrada com êxito, pois suas alunas afirmaram não ter guarda-roupas em suas casas:

Sem deixar de estimular a fé e a organização do ambiente, como solução a orientadora ensinou as garotas a criarem um armário, usando caixas de papelão e um cabo de vassoura [...] Além do armazenador de roupas, as jovens também construíram uma mesa, tendo como suporte latões e pedaços de madeira. E, apesar da simplicidade dos materiais, o bom gosto para a decoração deu um toque especial de praticidade, requinte e sofisticação aos objetos²⁸.

Com o advento do uso das redes sociais como fonte central de promoção e espraiamento das atividades promovidas pelo *Godllywood*, a internet emerge como principal mecanismo de divulgação e universalização das práticas. As reuniões passam a ser transmitidas por vídeos pelo canal do programa no site Youtube. As provas e realizações das tarefas são compartilhadas pelas participantes de vários lugares do Brasil e do mundo, tornando possível observar, pelos discursos publicados e pelas fotos, a generalização de um modelo performativo do feminino; tal generalização emerge marcada por um movimento de subjetivação²⁹ presente na performance de *selfies* nas redes sociais. Esse movimento acrescentou à linguagem do desafio técnicas para tornar visível a disposição individual e o envolvimento coletivo com as tarefas e a conquista, fazendo do corpo a imagem do testemunho. A exposição da imagem gera disposição para cumprimento dos objetivos em questão e comprovação do cumprimento dos desafios; as *selfies* constituem uma nova linguagem de controle e estímulo mútuo, bem como de interação entre aqueles que estiverem em rede.

Essa relação entre a tarefa semanal e a virtualização do desafio é facilmente observada no modo como tais deveres são postados:

Desafio 33 – repensar alguns desafios anteriores

1. Dar um fim em todas as fotos (Facebook e Instagram) e roupas que lhe dão um ar de “gostosa” e “sexy”.
2. Parar de falar palavrão.
3. Pedir perdão a quem você tem maltratado – seja seu esposo, seus pais ou uma amiga.
4. Deixar as amigadas que lhe fazem mal.
5. Cuidar bem da sua casa e da sua aparência – você precisa representar a Deus em tudo.
6. Ter um comportamento que honre ao Seu Deus, principalmente em casa.
7. Não ter medo de divulgar a sua fé.

Honrar o código de *Godllywood*, que é:

Ser exemplar no falar e no comportamento, discreta na aparência, um exemplo positivo em casa, no trabalho e na escola, corajosa e humilde para aceitar correção e mudar e construir uma fé sólida em Deus. Você está pronta para viver esse código? Então está pronta para continuar no Desafio *Godllywood*³⁰.

Desde que o desafio *Godllywood* passou a ser publicado na internet e movimentado pela interação diária nas redes sociais, é comum encontrar no conjunto de prescrições algo que remeta a uma ação ligada ao universo das relações virtuais, desde o tipo de foto que se posta, até o tipo de discussão de que se participa. Com isso, o código da discrição passou a ser operado na chave da visibilidade das imagens do desafio; assim, discrição e outros atributos do feminino ganham, para além de seus sentidos, uma dimensão de imagem, ou seja, são materializados por meio de uma performance fotográfica.

No Facebook, as páginas cujo título é “Desafio *Godllywood*” multiplicaram-se; numa rápida busca é possível encontrar cerca de duzentas comunidades em línguas distintas. A facilidade de reunir tais grupos dá-se porque, mesmo em comunidades de língua oriental, “*Godllywood*” aparece como um código que nunca é traduzido.

A dinâmica de uso das redes sociais ocorre numa espécie de regulação entre o material que se produz e o tipo de configuração de comunicação utilizado em cada canal. O Facebook pode ser considerado o mais flexível, dele sendo possível estabelecer conexão com o Twitter (que é usado para registrar e ampliar pequenas frases postadas no blogue de Cristiane Cardoso). O movimento de ampliação desses breves discursos decorre do uso incansável de *hashtags*, tais como *#euacreditodesafiogodllywood*, *#desafiogodllywoodeufiz*. Outro mecanismo muitíssimo utilizado que produz suas ressonâncias entre as pessoas conectadas ao Facebook é o Instagram, adotado para o compartilhamento de fotos e vídeos. Um exemplo que apresento aqui sobre o uso prático dessa rede ocorreu em janeiro de 2014, no advento do *Desafio 82*³¹: dentre as tarefas da semana, havia uma regulação sobre o consumo de carne vermelha, a compra de um livro e iniciar uma atividade física. Foi possível registrar nessa semana grande volume de *selfies* de mulheres com pratos decorados com ingredientes que excluam carne vermelha e de vídeos de famílias inteiras fazendo atividades físicas. As imagens e fotografias indexam-se a partir do acionamento das *hashtags*, o que acaba por configurar uma rede transnacional de práticas reunidas sobre os mesmos signos ou palavras-chave.

Essa lógica de exteriorização do cotidiano por meio do registro ativo do cumprimento de um dever e de interiorização da regra parece sugerir que o movimento dessa rede de práticas não se inscreve no ato de fazer o desafio, mas sim na produção e no uso de tecnologias para fazer ver o desafio. Assim, a linguagem do desafio *Godllywood* não se estabelece apenas no tempo em que a tarefa é praticada, mas, funda-

mentalmente, nas metodologias e capacidades envolvidas para garantir a visibilidade da ação. É esse dever que faz com que o conceito de performance, e nesse sentido específico, de performance de gêneros, pareça importante.

Em seu texto *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2010), Judith Butler apresenta como argumento central a desconstrução da oposição classicamente constituída pela tradição das teorias feministas entre sexo e gênero. Para ela, tal oposição traduzia a consolidação da crença filosófica ocidental na existência metafísica de essências e substâncias; pensar gênero nessa tradição seria pensar na essência de um sujeito a despeito do campo de determinações biológicas impostas pelo sexo. Se a distinção entre sexo e gênero não existe de fato, a concepção moderna de essência dos sujeitos também não se sustenta. Aceitar o sexo como algo biologicamente dado e o gênero como algo construído, determinado culturalmente, seria o mesmo que considerar o gênero como expressão ou representação de um ser substanciado na identidade de um sujeito. Para Butler, o gênero é uma *performance*, performance esta que se adapta a qualquer corpo; portanto, a autora distancia-se de uma concepção mais ontológica de que um determinado corpo estaria para um gênero específico. Ela propõe, assim, uma mudança no olhar sobre o corpo e, consequentemente, sobre o gênero; na sua leitura, o corpo eclode como superfície politicamente regulada.

A concepção de gênero como performance engendra o corpo como um campo vasto de ações e atravessado por múltiplos poderes. Nesse movimento, emerge o que Butler denomina de *efeito do gênero*, processo que produz formas de estilização dos corpos e deve ser entendido, consequentemente, como um modo cotidiano de agir e de pensar sobre si, produzindo performances marcadas pela ideia de gênero, pensamento materializado por meio da transformação e da adequação desses corpos.

O programa *Godllywood* seria, portanto, um espaço no qual se pratica, se pensa e, por conseguinte, se constrói o gênero, processo que se dá através de seus eventos e cursos e, substancialmente, do uso das novas tecnologias de internet e da circulação das performances dos desafios nas redes sociais. A *Mulher V*, resultado esperado mediante o cumprimento de tantos desafios, não seria a causa ou o código motriz de movimentação dessa rede, mas sim o resultado de um processo de gendramento e de compartilhamento de imagens sobre si. A forma e os sentidos dos *selfies* estão em plena disputa e podem ser testados e reformulados na medida em que são visibilizados, midiaticizados e apreendidos pela linguagem do estilo.

Considerações finais

O objetivo do presente artigo consistiu em analisar a produção de tecnologias de visibilidade e a formação de performatividade de gênero a partir da circulação de fotos que compõem o quadro de tarefas do desafio *Godllywood* da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). A grande questão de fundo, proposição mobilizadora dos

argumentos aqui apresentados, foi tentar pensar como uma tecnologia de comunicação incide na produção de formas de regulação coletiva (por meio da circulação de fotos das tarefas cumpridas), ao mesmo tempo em que suscita disposições subjetivas (impressas na dinâmica de cumprimento dos desafios).

O caminho percorrido foi o de tentar esquadrihar, a partir da descrição dos programas que conformam o projeto *Godllywood*, o modo como a relação com tais redes e a exposição de performances individuais ou coletivas, com base nas fotos que são compartilhadas na linguagem de desafios, acaba por constituir um conjunto de tecnologias para a produção de modos de subjetivação.

As *selfies* seriam, assim, uma linguagem propulsora e materializadora de performances de subjetivação na medida em que a imagem do cumprimento do desafio é individualizada e retratada como única, ao mesmo tempo em que é parte de uma imensa rede de imagens coletivas e semelhantes. Tal movimento acaba por produzir uma nova lógica de exteriorização do cotidiano, configurando formas de fazer ver e de fazer falar a regra a partir do estabelecimento de uma grande rede de práticas que se movimenta e se conecta a cada novo desafio.

A lógica de exteriorização do cotidiano por meio do registro ativo do cumprimento de um dever e de interiorização da regra parece sugerir que o movimento dessa rede de práticas não se inscreve no ato de fazer o desafio, mas sim na produção e no uso de tecnologias para fazer ver o desafio. Essa mesma lógica de ação parece estruturar as performances de gênero materializadas nas *selfies*, que acabam servindo como instrumentos de visibilidade da forma, ou do modelo de gênero.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Ronaldo de. (2009), *A Igreja Universal e seus demônios: um estudo etnográfico*. São Paulo: Editora Terceiro Nome.
- ANTÔNIO, Leonardo Siqueira. (2012), *Há controvérsias? A Religião na televisão. Uma análise etnográfica do programa Fala que eu te escuto da Igreja Universal do Reino de Deus*. Guarulhos: Dissertação de Mestrado na área de Ciências Sociais, Universidade Federal de São Paulo.
- BOURDIEU, Pierre. (2009), *O Senso prático*. Rio de Janeiro: Vozes.
- _____. (1996), *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papiрус.
- BUDKE, Sidney. (2005), "Mídia e Religião: Das peregrinações ao universo das telecomunicações". *Protestantismo em Revista*, v. 8: 43-56 .
- BUTLER, Judith. (2010), *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. São Paulo: Civilização brasileira.
- _____. (2000), "Corpos que pesam". In: G. L. Louro (org.). *O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte: Autentica.
- _____. (1999), *Subjects of desire: Hegelian reflections on twentieth-century France*. New York: Columbia University Press.
- CARDOSO, Cristiane. (2011), *A mulher V: moderna a moda antiga*. Rio de Janeiro: Unipro.
- GIUMBELLI, Emerson. (2002), *O fim da religião: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França*. São Paulo: Attar.

- GOMES, Edlaine Campos. (2004), *A 'Era das Catedrais' da IURD: a autenticidade em exibição*. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- LIMA, Diana. (2008), "Prosperidade na Década de 1990: Etnografia do Compromisso de Trabalho entre Deus e o fiel da Igreja Universal do Reino de Deus". *Dados*, Rio de Janeiro, v. 51: 7-36.
- _____. (2007), "Trabalho, mudança de vida e prosperidade entre fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus". *Religião & Sociedade*, v. 27: 132-155.
- MACEDO, Edir. (2012), *Nada a perder: momentos de convicção que mudaram a minha vida*. São Paulo: Planeta.
- _____. (2011), *O poder sobrenatural da fé*. Rio de Janeiro: Unipro.
- _____. (2010), *Fé Racional*. Rio de Janeiro: Unipro.
- MACEDO, Edir, & OLIVEIRA, Carlos. (2008), *Plano de Poder: Deus, os Cristãos e a Política*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. (1999), "SOS mulher – A identidade feminina na mídia Pentecostal". *Revista de Ciências Sociais y Religião/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 1, n. 1: 167-188.
- SCHELIGA, Eva Lenita. (2010), *Educando sentidos, orientando uma prática: etnografia das práticas assistenciais de evangélicos brasileiros*. São Paulo: Tese de Doutorado em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo.

Sites consultados

- ARCA UNIVERSAL. "Entenda o que é o Sisterhood". Disponível em: http://www.arcauniversal.com/iurd/noticias/entenda_o_que_e_o_sisterhood-2926.html. Acesso em 20/01/2011.
- BISPO MACEDO. "De Mendiga a Esteticista". Disponível em: <http://www.bispomacedo.com.br/?s=de+mendiga+a+esteticista>. Acesso em 23/06/2011.
- CRISTIANE CARDOSO. Disponível em: <http://www.cristianecardoso.com>. Acesso em 10/01/2014.
- _____. "Desafio Godllywood". Disponível em: <http://www.cristianecardoso.com/pt/portfolio/desafio-godllywood/>. Acesso em 10/01/2014.
- _____. "Desafio Godllywood 33". Disponível em: <http://www.cristianecardoso.com/pt/2012/12/15/desafio-godllywood-33/>. Acesso em 01/08/2014.
- _____. "Godllywood tarefa de janeiro: administrar o corpo". Disponível em: <http://blogs.universal.org/cristianecardoso/pt/godllywood-tarefa-de-janeiro-administrar-o-corpo/>. Acesso em 01/08/2014.
- EU SOU A UNIVERSAL. Disponível em: <http://www.eusouauniversal.com/>. Acesso em 12/09/2014.
- EXÉRCITO UNIVERSAL. "Sisterhood". Disponível em: <http://www.exercitouniversal.com.br/2011/03/sisterhood.html>. Acesso em 03/02/2012.
- _____. "Sisterhood estimula criatividade". Disponível em: <http://www.exercitouniversal.com.br/2011/02/sisterhood-estimula-criatividade.html>. Acesso em 03/02/2012.
- FÉ INABALÁVEL. "Sisterhood". Disponível em: <http://fe-inabalavel.blogspot.com/2010/02/sisterhood.html>. Acesso em 09/02/2012.
- GODLLYWOOD. Disponível em: <http://www.godllywood.com>. Acesso em 10/01/2011.
- _____. "Pré-Sisterhood Rush". Disponível em: <http://www.godllywood.com/br/rush/pre-sisterhood-rush/>. Acesso em 10/01/2011.
- DAYLIMOTION. "Ensinando os Pastores da Igreja Universal a pedir dinheiro". Disponível em: http://www.dailymotion.com/video/x7q111_edir-macedo-ensinando-pastores-da-i_people Acesso em 12/12/2014.
- YOUTUBE. Programa Documento Especial: Igreja Universal do Reino de Deus – Rede Manchete. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1N2DrfchkXs>. Acesso em: 12/12/2014.

Notas

- ¹ Aproveito para agradecer a leitura atenciosa e as sugestões mais que pertinentes de Max Gimenes (USP) e Felipe Magalhães Lins (UERJ).
- ² Ver mais em Almeida (2009). Em 1987, ocorreu uma das primeiras concentrações promovidas pela IURD em um estádio de futebol (Maracanã, Rio de Janeiro). Anos depois, em 1992, um evento semelhante reuniu no mesmo local cerca de 230 mil pessoas. Ambos os eventos foram amplamente noticiados pela Rede Globo e viraram manchete de jornais importantes como *O Globo* e *Folha de S. Paulo*. Em 1990, a Rede Globo apresentou os eventos do Maracanã como temática principal de seu programa de reportagens Globo Repórter. Outro exemplo é a reportagem exibida pela Rede Globo em 1995, que mostra os bispos da IURD carregando e dividindo sacos de dinheiro (http://www.dailymotion.com/video/x7q111_edir-macedo-ensinando-pastores-da-i_people).
- ³ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=1N2DrfchkXs>
- ⁴ A IURD já estava envolvida num forte debate devido à sua relação de oposição à Rede Globo, bem como em meio a críticas feitas por outras denominações cristãs. Em outubro de 1995, o bispo Sergio von Helder, enquanto apresentava o programa televisivo *Despertar da fé* e fazia uma prédica cujo tema era idolatria, deu um pontapé na imagem de Nossa Senhora Aparecida, que tinha sido levada ao cenário do programa como exemplo de falsa divindade. Ver mais em Scheliga (2010:29-31).
- ⁵ A igreja Vida Nova foi o local de conversão de Edir Macedo no final da década de sessenta. Macedo narra em sua biografia que ele, sua irmã e o cunhado, Romildo Romulo Soares, conheceram a igreja por meio de seus programas de rádio e TV. E foi assistindo a um desses programas que ele decidiu abandonar o espiritismo e seguir para uma igreja evangélica (Macedo 2012).
- ⁶ Sobre esse assunto, ver a dissertação de mestrado de Leonardo Siqueira Antônio, *Há controvérsias? A Religião na televisão. Uma análise etnográfica do programa Fala que Eu te Escuto da Igreja Universal do Reino de Deus*, defendida no ano de 2012. Antônio analisa a gramática da performance de controvérsia engendrada no programa Fala que Eu te Escuto ao apresentar conflitos que mobilizaram a mídia. Um dos casos escolhidos por ele é o da menina Isabella Nardoni, que foi assassinada pelo pai e pela madrasta.
- ⁷ Em minha dissertação de mestrado, intitulada *Da controvérsia às práticas: conjugalidade, corpo e prosperidade como razões pedagógicas na Igreja Universal*, apresento um mapeamento mais detalhado sobre temas relativos à sexualidade e ao planejamento familiar na mídia impressa da IURD.
- ⁸ Esse livro possui algumas peculiaridades se comparado aos demais livros publicados pela IURD. A primeira delas diz respeito à edição: o livro foi produzido por uma editora da igreja voltada para a publicação dos chamados “títulos seculares”, produzidos para o público que não é o fiel que frequenta regularmente os cultos. Outra peculiaridade está na apresentação dos autores, que ocultam de suas biografias a posição eclesial de bispos da Igreja Universal. Edir Macedo é apresentado como “respeitado orador, conferencista e escritor”, e Carlos Oliveira, como administrador de empresas.
- ⁹ Ver: <http://www.cristianecardoso.com/>.
- ¹⁰ Ver: http://www.arcauniversal.com/iurd/noticias/entenda_o_que_e_o_sisterhood-2926.html.
- ¹¹ Ver: http://www.arcauniversal.com/iurd/noticias/entenda_o_que_e_o_sisterhood-2926.html.
- ¹² Ver a página do Desafio Godllywood no site de Cristiane Cardoso: <http://www.cristianecardoso.com/pt/portfolio/desafio-godllywood/>.
- ¹³ A página de Cristiane Cardoso no Facebook, onde os desafios são compartilhados, conta hoje com mais de 1 milhão de assinantes e possui uma troca intensa de *posts* e incentivos à perseverança durante a realização do desafio.
- ¹⁴ Como citado brevemente no início deste texto, a *mulher V* faz alusão a um trecho do livro de Provérbios, na Bíblia; a letra V faz referência à palavra *virtuosa* que, no texto bíblico, é utilizado como uma licença poética de Salomão ao descrever a mulher.
- ¹⁵ Tratei de forma mais detalhada dessa questão tanto no capítulo 2 da minha dissertação de mestrado, intitulado “O corpo das práticas: memória, rito e razão pedagógica”, como no artigo “A hermenêutica dos corpos: notas sobre o pastorado feminino na Igreja Universal” (no prelo).

- ¹⁶ Esse “estado de corpo” pode ser compreendido pela noção bourdieusiana de *hexis* corporal. Trata-se da incorporação do mito que o transforma em uma disposição permanente, naturalizada, uma pedagogia implícita ao corpo.
- ¹⁷ Desenvolvo com mais detalhes a trajetória do casal Cardoso e a estrutura do programa *The Love School* no capítulo 3 da minha dissertação de mestrado.
- ¹⁸ Ver: <http://fe-inabalavel.blogspot.com/2010/02/sisterhood.html>.
- ¹⁹ Ver: <http://www.godllywood.com/br/rush/pre-sisterhood-rush/>.
- ²⁰ O uso de tais nomes novamente remonta a figuras bíblicas: Raabe foi prostituta e comerciante que ajudou os israelitas na conquista da cidade-estado de Jericó. Como recompensa, ela e seus filhos foram protegidos durante a guerra, Raabe casou-se com um hebreu e acabou fazendo parte da genealogia de Davi. Caleb, por sua vez, nasceu no deserto, durante a peregrinação à terra prometida, tendo sido o único dos idosos que viveu até o ingresso do povo judeu na terra.
- ²¹ Ver: <http://www.godllywood.com/>.
- ²² Ver: <http://www.exercitouniversal.com.br/2011/03/sisterhood.html>.
- ²³ Criada em 2012, no advento dos 35 anos de fundação da Igreja Universal, a campanha reúne vídeos de profissionais liberais da IURD, que após um breve relato de suas trajetórias de vida afirmam que são da Igreja Universal. Os vídeos podem ser encontrados no site da campanha: <http://www.eusouauniversal.com/>.
- ²⁴ Ver: <http://www.bispomacedo.com.br/?s=de+mendiga+a+esteticista> (acessado em 23/06/2011).
- ²⁵ A procura por esses cursos pode ser considerada comum nas camadas médias. Na IURD, muitas mulheres trabalham no mercado da beleza e com isso possuem seu próprio negócio. Numa reunião da Associação de Mulheres Cristãs (AMC), etnografada em 2010, havia pouco mais de duzentas mulheres. No acesso à ficha de apresentação das participantes pude perceber que 30% das presentes trabalhavam como cabeleireiras ou esteticistas.
- ²⁶ Gomes (2004: 58) analisa a circulação constante de um conjunto de categorias – “perseguição, revolta, sacrifício e conquista, tais categorias configuram uma lógica de práticas e relações estruturadas numa espécie de *circuito da conquista*”.
- ²⁷ Cabe ressaltar que tais reuniões, e até mesmo as atividades fechadas, ainda ocorrem e são mediadas por um circuito de atividades abertas ao grande público de mulheres que acessa o programa nas redes sociais.
- ²⁸ Ver: <http://www.exercitouniversal.com.br/2011/02/sisterhood-estimula-criatividade.html>.
- ²⁹ Butler estabelece o conceito de paradoxo da subjetivação, para falar sobre os processos sedimentares de individuação e de incorporação de formas regulatórias de poder na formação dos sujeitos, e dos sujeitos de gênero. Nesse jogo, “o sujeito que resistiria a essas normas é, ele próprio, possibilitado, quando não, produzido por essas normas” (2000:123).
- ³⁰ Ver: <http://www.cristianecardoso.com/pt/2012/12/15/desafio-godllywood-33/>.
- ³¹ Ver: <http://blogs.universal.org/cristianecardoso/pt/godllywood-tarefa-de-janeiro-administrar-o-corpo/>.

Recebido em setembro de 2014.

Aprovado em outubro de 2014.

Jacqueline Moraes Teixeira (jamoteka@gmail.com)

Doutoranda em Antropologia Social na USP, onde obteve o título de mestre. Pesquisadora do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap) e do Núcleo de Antropologia Urbana (Nau/USP).

Resumo:

Mídia e performances de gênero na Igreja Universal: O desafio Godllywood

Este artigo tem por finalidade mapear e descrever algumas práticas relacionadas à produção de uma performatividade do feminino mimetizada em formas de falar, de se apreender e de experienciar os corpos a partir da circulação de imagens na internet, em páginas da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) voltadas para o público feminino. Meu objetivo ao recuperar essa interação é pensar o papel que a mídia, de modo geral, e as tecnologias da internet, de modo particular, têm na formação de tais performatividades, ora por meio de linguagem de gendramento dos gêneros, ora mediante tecnologias de poder que conformam a sujeição e a subjetivação dos sujeitos.

Palavras-chave: performance, gênero, corpo, igreja universal, desafio godllywood.

Abstract:

Media and gender performances in the Universal Church: The Godllywood challenge

This article aims at mapping and describing some practices related to the production of performativity of the female which mimics ways to speak, understand and experience the bodies from the circulation of images on the internet, on pages of the Universal Church of the Kingdom of God (UCKG) that aimed women. What I want to achieve, analyzing the interaction, is to think about the role that media and the internet technologies have in the formation of those performativities, whether by language of gendering of men and women or by technologies of power that shape actors' subjection and subjectivation.

Keywords: performance, gender, body, universal church, godllywood challenge.